



Na Comissão de Assuntos Econômicos, Malan tenta convencer os senadores, que temem os efeitos das medidas junto aos pobres: "Pior flagelo é o

Senadores sabatinam Malan

Liana Verdini
Da equipe do Correio

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, teve ontem uma pequena demonstração do trabalho que terá para convencer o Congresso a aprovar o pacote fiscal. A convite do senador Eduardo Suplicy (PT-SP), o ministro foi à Comissão de Assuntos Econômicos, acompanhado do presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco. Tentaram explicar as medidas propostas pelo governo para equilibrar as contas públicas e tirar o país da crise.

Os senadores mostraram que não gostaram do aumento de impostos nem da cobrança de contribuição previdenciária dos servidores inativos, com aumento de alíquota para o funcionalismo. Cobraram um balanço do *Pacote 51*, proposto em novembro para enfrentar a crise da Ásia. "Fiquei decepcionado com essa exposição", disse o senador José Eduardo Dutra (PT-SE).

Diplomata de carreira, Malan afirmou que o Brasil só saiu do foco da ação especulativa no ano passado por ter recebido o apoio rápido do Congresso. "A situação internacional agora é pior do que naquela ocasião", ressaltou. Ele preferiu não fazer um balanço do pacote anterior, mas deu um único dado: de novembro do ano passado a outubro, US\$ 24 bilhões entraram no Brasil para investimento direto. O número não convenceu o senador. "Esse foi o dinheiro da privatização".

A primeira pergunta foi do senador Suplicy. Quis saber porque o governo abandonou medidas anunciadas no último pacote, como a criação de restrições ao turismo internacio-

nal e as compras nos free-shops. Defendeu também o Imposto sobre Grandes Fortunas e a volta da alíquota de 35% do Imposto de Renda para os salários mais altos. As duas perguntas ficaram sem respostas.

Mesmo assim, Suplicy brindou o

"A SITUAÇÃO INTERNACIONAL HOJE É MUITO PIOR DO QUE NO ANO PASSADO, QUANDO COMEÇOU A CRISE NO SUDESTE ASIÁTICO"

Pedro Malan,
ministro da Fazenda

ministro com um livro do prêmio Nobel de Economia, Amartya Sen, *O Novo Exame da Desigualdade*. Malan agradeceu: "Essa é mais uma das inúmeras contribuições que o senhor vem dando a minha biblioteca".

Alguns senadores governistas usaram a tribuna para protestar. Pedro Piva (PSDB-SP), empresário e pai do presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Horácio Lafer Piva, pediu "reforma tributária já" e incentivos à produção. "Não votamos a reforma tributária porque não a temos". Osmar Dias (PSDB-PR) lembrou do programa de governo do presidente para os próximos quatro anos, onde está o compromisso de aumentar as exportações para US\$ 100 bilhões. "Nunca se deve interpretar essa meta como algo que terá de acontecer independente do que ocorre no mundo", respondeu o ministro.

Malan foi categórico e desmentiu qualquer mudança na política cambial. "Nós não a faremos". Jader Barbalho (PMDB-PA) reclamou dos cortes nas áreas de saúde e educação e a repercussão para os mais pobres num cenário recessivo. Malan devolveu: "O pior que pode acontecer aos pobres é a volta do flagelo inflacionário".